

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA PRÁTICA DO COTIDIANO ESCOLAR

LUCIANO DANILLO DE FREITAS

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Mogi das Cruzes (2009), Enfermagem pela Universidade de Mogi das Cruzes (2013), Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2019), Letra - Português pela Universidade Nove de Julho (2020); Especialista em Educação Especial em Deficiência Intelectual pela Faculdade Campos Elíseos (2016), Pedagogia Institucional pela Faculdade Casa Branca (2016), Docência do Ensino Superior e Tutoria de Educação à Distância pela Faculdade Batista de Minas Gerais (2020), Direito Educacional pela Faculdade Conectada Faconnect (2021); Coordenador Pedagógico na EMEI Valdir Azevedo, Professor de Ensino Fundamental II e Médio - Ciências na EMEF Professor Mailson Delane.



RESUMO

A avaliação diagnóstica acontece geralmente no começo do ano letivo, antes do planejamento, onde o professor verifica os conhecimentos prévios dos alunos. Tem como principal objetivo determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem. Por meio da avaliação diagnóstica, o professor analisa os conhecimentos já alcançados pelos alunos, é antes de tudo, momento de detectar dificuldades dos alunos para que possa ter estratégias de ação para solucioná-las. Esse artigo trata-se de uma revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação; Diagnóstica; Escolar.

INTRODUÇÃO

A avaliação diagnóstica acontece geralmente no começo do ano letivo, antes do planejamento, onde o professor pode verificar os conhecimentos prévios dos alunos. Não tem a finalidade de atribuir nota para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica, como seu primeiro passo, coletar dados relevantes, que configurem o estado de aprendizagem alunos. A avaliação diagnóstica será, com certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia, situação que lhe garantirá sempre relações de reciprocidade.

A primeira coisa a ser feita, para que a avaliação sirva à democratização do ensino, é modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica. Ou seja, a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Desse modo, a avaliação não será tão somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem. Se um aluno está defasado

não há que, pura e simplesmente, reprová-lo e mantê-lo nesta solução. O ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem um diagnóstico, e um diagnóstico, sem uma decisão, é um processo abortado (LUCKESI, 2002 p.4-6).

Primeiramente vem o processo de diagnosticar, constituído de uma constatação e de uma qualificação do objeto da avaliação. O ato de avaliar inicia-se pela constatação, de como o objeto é. Não há possibilidade de avaliação sem a constatação. A segunda parte do ato de diagnosticar é atribuir uma qualidade, positiva ou negativa ao objeto que está sendo avaliado. Depois de configurado e qualificado, é obrigatório uma tomada de decisão sobre ele. O ato de qualificar, por si, implica uma tomada de posição positiva ou negativa, que, por sua vez, conduz a uma tomada de decisão. Caso um objeto seja qualificado como satisfatório, o que fazer com ele. Caso seja qualificado como insatisfatório, o que fazer com ele. O ato de avaliar não é um ato neutro que se encerra na constatação. Ele é um ato dinâmico, que implica na decisão de o que fazer. Sem este ato de decidir, o ato de avaliar não se completa ele não se realiza (LUCKESI, 2002 p.7-11).

Por meio da avaliação diagnóstica, o professor analisa os conhecimentos já alcançados pelos alunos, suas experiências pessoais, seus raciocínios e estratégias espontâneas, suas atitudes adquiridas em relação à aprendizagem, para em seguida adequar seu conteúdo às necessidades e dificuldades dos alunos e para que estes se conscientizem de seu ponto de partida. Se o conhecimento ou habilidade é importante e o aluno não o adquiriu, há que trabalhar para que adquira.

A avaliação diagnóstica servirá de ajuda ao processo de ensino-aprendizagem: fornecerá aos professores elementos que permitem identificar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os pontos críticos para que se avance na construção do conhecimento, tendo em vista um projeto de escola não excludente.

A ideia mais enfatizada é que este diagnóstico deve servir para a reorientação do trabalho docente e discente, rumo ao objetivo principal da avaliação que é fazer com que os alunos aprenda. A função classificatória é responsabilizadora por prejuízos aos alunos é minimizadora nas novas propostas de avaliação. Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência.

A avaliação diagnóstica e também conhecida como avaliação inicial, é possível determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, para poder adaptá-lo a suas necessidades (JORBA et al. 2003 p.19).

É utilizada no início de um curso, período letivo da unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, isto é, se possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas. O principal objetivo da avaliação com função diagnóstica é “informar o professor sobre o nível de conhecimento e habilidades de seus alunos, antes de iniciar o processo ensino-aprendizagem, para determinar o quanto progrediram depois de um certo tempo. Por serem diferentes os alunos,

uns aprendem mais rapidamente que os outros. Também alguns alunos têm mais facilidade para reter o que foi aprendido, enquanto outros esquecem mais rapidamente.

É por meio dessa avaliação inicial, com função diagnóstica, que o professor vai determinar quais os conhecimentos e habilidades devem ser retomados, antes de introduzir os conteúdos programáticos específicos. Algumas dessas dificuldades são de natureza cognitiva e tem sua origem no próprio processo ensino-aprendizagem. É o caso dos alunos que apresentam dificuldades em determinadas matérias escolares, como por exemplo, em Língua Portuguesa ou Matemática. Antes de rotular o aluno como “incapaz”, o professor precisa se conscientizar e localizar a causa dessa dificuldade.

As dificuldades que têm sua origem no próprio processo ensino-aprendizagem, e dele são decorrentes, devem ser sanadas através de um trabalho contínuo e sistemático de recuperação, pois sua solução é da estrita competência do professor. Outras dificuldades que o aluno pode apresentar também são de natureza afetiva e emocional, decorrentes de situações conflitantes vivenciadas por ele em casa, na escola ou com os colegas. Esses problemas podem se manifestar no comportamento do aluno em sala de aula, interferindo no processo ensino-aprendizagem. Cabe ao professor investigar as causas desses problemas, que pode ser verificado naquele aluno que é muito indisciplinado, que se recusa a fazer as atividades em sala de aula e briga constantemente com os colegas, ou naquele que é muito quieto, distraído e desmotivado, que se isola dos demais em sala. Nesse caso, o professor pode ajudar de várias formas estimulando o relacionamento entre os alunos, através de jogos e atividades dinâmicas que possam incrementar a integração da classe; distribuindo funções e dividindo tarefas, como apagar a lousa, distribuir os cadernos, pendurar cartazes, o que permite que todos os alunos participem da dinâmica da sala de aula e se sintam responsáveis por ela; reforçando o comportamento positivo sem exacerbar nas críticas negativas, pois o reforço positivo aumenta a motivação e o sentimento de autoconfiança e de auto estima assinala que muitas vezes esses problemas afetivos e emocionais ultrapassam o âmbito de atuação do professor. Nesse caso, comunicado aos pais ou responsáveis do aluno, ele encaminha a um profissional especializado que ofereça tratamento ao caso (HAYDT, 2002 p.17-20).

Por serem diferentes, uns aprendem mais rapidamente que os outros. Também alguns alunos têm mais facilidade para reter o que foi aprendido, enquanto outros esquecem mais rapidamente. É por meio dessa avaliação inicial, com função diagnóstica, que o professor vai determinar quais os conhecimentos e habilidades devem ser retomados, antes de introduzir os conteúdos programáticos específicos.

No início de cada unidade de ensino, é recomendável que o professor verifique quais as informações que seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Ao começar o período letivo, é recomendado que o professor faça uma avaliação diagnóstica da sua classe, para verificar o que os alunos aprenderam nos anos anteriores, quais os conhecimentos prévios que eles estão levando para aquela série. É frequente o nível de conhecimento variar de aluno para aluno de uma mesma turma.

Com as informações faz um prognóstico sobre as capacidades de um determinado aluno em relação a um novo conteúdo a ser abordado. Trata-se de identificar algumas características de um aluno, objetivando escolher algumas sequencias de trabalho mais bem adaptadas a tais características. Tenta-se identificar um perfil dos sujeitos, antes de iniciar qualquer trabalho de ensino, sem o que, com certeza, estaria comprometido todo o trabalho futuro do professor. O diagnóstico é o momento de situar aptidões iniciais, necessidades, interesses de um indivíduo, de verificar pré-requisitos. É antes de tudo, momento de detectar dificuldades dos alunos para que o professor possa melhor conceber estratégias de ação para solucioná-las (RABELO, 1998 p.72).

Em uma abordagem de avaliação diagnóstica é necessário um diálogo constante entre avaliadores e avaliados, para avançar na construção do conhecimento e no crescimento de alunos e professores. Para isso, diversos instrumentos podem ser utilizados nesse tipo de avaliação, de acordo com a criatividade dos professores e os recursos disponíveis em sua realidade, tais como: provas, testes, portfólio, questionários, roteiros de observação e de entrevista com alunos e pais de alunos. Os instrumentos - portfólio, check-lists, escalas de atitudes, anedotários, são úteis quando bem elaborados e asseguram a reutilização dos dados como guia para o ensino, assim como instrumento para auto-avaliação. A partir dessas informações, o processo de ensino e aprendizagem pode ser desencadeado permitindo a apropriação e elaboração, além de exigir que o sujeito pense sobre os próprios conceitos. Descobrir que bagagem os alunos trazem, seus conceitos espontâneos e científicos, esquemas de aprendizagem, formas como resolvem problemas, fatores atitudinais, motivacionais e afetivos, curiosidade, estilo cognitivo, crenças, torna-se importante para proposição de atividades de aprendizagem dos conteúdos a serem ensinados (ALVARENGA, 2002 p.60).

Objetivo geral desse artigo foi investigar quais as concepções da avaliação diagnóstica que permeiam o cotidiano escolar. Objetivos específicos foram analisar o papel da avaliação diagnóstica no processo educacional da escola; explicitar os diferentes entendimentos sobre a temática na visão dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função da avaliação diagnóstica é possibilitar ao educador compreender o nível de aprendizagem que o aluno se encontra e determinar as causas de suas dificuldades, para em seguida tomar decisões para que o aluno avance no seu processo de aprendizagem. O professor deve ser um especialista em diagnosticar e em orientar a aprendizagem, principalmente dos alunos que têm dificuldades.

A avaliação diagnóstica não deve se realizar de uma forma solta e isolada. Para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. Esta forma de entender, propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos alunos. Este é o princípio básico e fundamental para que ela venha a ser diagnóstica. Caso contrário, nunca será diagnóstica.

A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente ao contrário da avaliação classificatória, a avaliação diagnóstica é vista como um processo de construção permanente, de acerto de estratégias para mobilizar a aprendizagem, de auxílio a alunos e professores onde sem dificuldades, o professor não pode provar sua competência.

Os autores têm chamado a atenção, para a necessidade de que os conhecimentos prévios dos alunos, e sua diversidade, sejam objeto de avaliação para, a partir deles e das relações entre eles, poder integrar os conhecimentos pretendidos e então verificar se houve aprendizagem.

A função constitutiva da avaliação é a de diagnóstico. Articulada com a função básica pode propiciar a auto compreensão, tanto do aluno quanto do professor e a função de motivar o crescimento, na medida em que diagnostica e cria o desejo de obter resultados mais satisfatórios.

A avaliação começa, então, muito antes do que se imagina. Conhecer peculiaridades sobre os alunos, o que fazem quem são suas expectativas ou possíveis pontos de chegada, são alguns exemplos de inícios possíveis do processo de avaliação.

Nesse processo de avaliação é preciso ter em ênfase a recuperação ou o acompanhamento que se desenvolve nas atividades individuais, em que o professor necessita auxiliar enquanto observa o desenvolver individual. Além do mais os comentários oral ou escrito são indispensáveis para uma boa apreciação, e a sondagem dá-se, portanto, de uma forma continuada, constante e permanente, feita diariamente. A avaliação diagnóstica, por conseguinte, é mediação pedagógica. Ela nos permite afirmar que o não conhecimento da referida modalidade contribui de forma negativa na vida profissional do educador e no processo educativo do aluno.

A avaliação tem que ser entendida de uma maneira muito mais ampla, pois é a parte mais importante de todo o processo de ensino-aprendizagem, visto que avaliar é mediar esse processo, oferecer recuperação imediata, promover cada ser humano, acompanhar cada aluno em seus progressos. O grande desafio para construir novos caminhos é uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado e autonomizador no processo ensinoaprendizagem. Desta forma, estaremos formando cidadãos conscientes, críticos, criativos, solidários e autônomos.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, G. M. **Avaliação: o olhar dos alunos**. In: ALVARENGA, G. M. (org). **Avaliação: o saber na transformação do fazer**. Londrina: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional, Editora da UEL, p.60, 2002.

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, p.17-20, 2002.

JORBA, J.; SANMARTÍ, N. **A função pedagógica da avaliação.** In: BALLESTER, M. et al. *Avaliação como apoio à aprendizagem.* Porto Alegre: Artmed, p.19, 2003.

LUCKESI, C. C.. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez, p.4-11, 2002.

RABELO, E. H. **Avaliação: novos tempos e novas práticas.** Petrópolis, RJ: Vozes, p.72, 1998.